

O (re) significado das praças centrais de Aracaju, Sergipe: sociabilidade, territorialidades e tangenciamento

Mário Jorge Silva Santos

Professor Doutor, UFS, Brasil.
Grupo de Pesquisa em Estudos Urbano-regionais, Política e Educação (GRUPE/UFS)
mariojorge33@gmail.com

Ana Rocha dos Santos

Professora Doutora, PPGEO/Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Grupo de Pesquisa em Estudos Urbano-regionais, Política e Educação (GRUPE/UFS)
Ana.rochaufs@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a produção socioespacial das praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos, localizadas no centro histórico da cidade de Aracaju (SE), vinculando essa produção ao caráter urbano da cidade. Trata-se de um estudo de caso, estruturado sob o método histórico dialético, considerando a história e as alterações na produção e uso desses espaços pelos moradores da cidade, sua identidade, sociabilidade, territorialidade e seu tangenciamento. Partimos do pressuposto teórico de que os espaços estudados são produzidos na lógica da sociedade capitalista, tendo portado, uma dinâmica processual de múltiplas funcionalidades. Sendo assim, pode-se afirmar que na atualidade as praças centrais de Aracaju (SE), são espaços de resistências e de identidade de grupos sociais, que encontram nelas possibilidade de sobrevivência, ainda que a maioria dos moradores da cidade as vejam como espaços de passagem, espaços muitas vezes evitados.

PALAVRAS-CHAVE: praças públicas. cidade. identidade

1- INTRODUÇÃO

“O espaço geográfico é um sistema indissociável e solidário de objetos e de ações mediatizados por normas” (Santos, 2004, p.137). Esta afirmação é significativa para o entendimento deste estudo, pois as normas socialmente produzidas, hegemônicas ou não, conduzem as ações realizadas pelos indivíduos como resultado da dinâmica da sociedade capitalista na produção do espaço geográfico.

Os objetos geográficos não são apenas os instrumentos utilizados pelos indivíduos para o agir, mas são produzidos ou reproduzidos pela sociedade, a partir de determinadas intenções, carregados de funções. No entanto, eles podem assumir outras funções, serem refuncionalizadas, modificados através de processos relativos de uma estrutura socioeconômica.

Há hoje também, um debate muito profundo sobre o sentido da noção de lugar. Para TUAN (1980, p.42), “o espaço é mais abstrato que o lugar, o que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor e significado”.

O lugar “é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos”, há uma estreita relação entre experiência e tempo, na medida em que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de passarmos por ele” (TUAN, 1983, p.28).

O lugar é o espaço do particular, estando presentes os elementos históricos, culturais e a identidade; revelando as especificidades. “É no lugar que se materializam as contradições da globalização, conforme suas particularidades e suas possibilidades” (CAVALCANTI, 1998, p.52).

O lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno e se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. “Deste modo, o lugar se apresenta como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento” (CARLOS, 1997, p. 303).

Já a cidade é fundamentalmente um conceito espacial (Carlos, 1997). É uma configuração geográfica particular fundada na co-presença, ou seja, é o lugar onde ocorre a concentração de uma dada sociedade, maximizando a densidade e a diversidade de interações sociais, estabelecendo-se diferentes níveis de urbanidade. “Isto permite que a cidade seja um lugar privilegiado onde o exercício da cidadania pode ser aprimorado, já que ela é o meio de existência para a maior parte das pessoas” (SANTOS, 1994, p.103).

A cidade é um produto e uma obra de vários agentes que se modificam quotidianamente por diversas razões. “É neste espaço urbano que as lutas se desenvolvem, já que a cidade é antes de tudo o objeto das lutas sociais” (RIBEIRO,1997, p.103).

A cidade refere-se mais a um lugar único, posto que contém cada vez mais o mundial, constituído a partir de valores, de um modo de vida, de cultura, que dizem respeito a uma sociedade urbana em constituição. A vida urbana da cidade moderna apresenta complexas relações de sociabilidade, que se dão cotidianamente nos seus diversos espaços públicos.

Neste ínterim, a praça pública surge como o lugar da cidade em que essa sociabilidade ganha uma dinamicidade própria, “pois seu âmago contém as esferas públicas e privadas, que conferem significados e imprimem singularismos nas relações entre a sociedade local e o território, gerando usos que são específicos de cada contexto citadino” (LIMA, 2011, p. 02).

As praças públicas ao longo da história urbana possuíram significados que demandavam apropriações e sociabilidades específicas em cada contexto, tornando-as palco da vida urbana, pois “entrecortada nos diferentes tempos e espaços por olhares, usos e diferentes formas de apropriação, as redes de sociabilidade fazem da praça o palco possível da vida urbana” (CORADINI, 1995, p.21).

Na contemporaneidade, as praças apresentam-se sumariamente como lugares da estética urbana, em que suas principais marcas são os usos políticos do espaço público a partir da recreação, do lazer, do convívio social, ou da contemplação.

Sendo assim, a sua composição está atrelada a uma diversidade de usos e de relações de poder que configuram e dão sentido a esse âmbito citadino. Essas relações de poder são provenientes de diferentes esferas (públicas e privadas), que reproduzem vários conflitos nos lugares de sociabilidade.

Diante destas reflexões, o objetivo deste trabalho é discutir os usos das praças públicas a partir do enfoque conceitual do lugar, tomando como escopo a abordagem do (re)significado destes espaços, atrelada à discussão do seu caráter enquanto espaços de sociabilidade situados na cidade de Aracaju, Sergipe. Entendemos que existe uma multiplicidade de identidades que se reinventam e se renovam, seja na configuração de novos e velhos territórios, seja na sua transformação em lugares evitados.

Para isso, tomamos como procedimentos metodológicos a análise dialética da questão, entendendo que há uma produção histórica das relações sociais. A realidade social é estudada em sua totalidade, na qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o todo. Tudo isto alicerçado na ideia da contradição, explicativa da sociedade capitalista que se desenvolve de maneira desigual e combinada.

O artigo está estruturado sobre uma discussão que leva em consideração o percurso histórico e social da cidade de Aracaju, inserindo o contexto das praças estudadas e as dinâmicas identificadas, analisando esse processo a partir das relações territoriais identificadas e as formas espaciais construídas pela sociedade ao longo do tempo e que determinam nestes espaços novas funcionalidades, territorialidades e identidades.

2- AS PRAÇAS CENTRAIS DE ARACAJU NO CONTEXTO TEMPO - ESPAÇO: DO LUGAR DA SOCIABILIDADE AO LUGAR TANGENCIADO

Assim como muitas cidades brasileiras, Aracaju(SE) sofreu nas últimas décadas do século XX um significativo impacto do desenvolvimento, marcado pela dinâmica econômica que

provocou o aumento significativo da sua população, especialmente a partir de 1980, quando a ultrapassou a faixa de 300 mil habitantes, chegando em 2010 a mais de 600 mil habitantes (IBGE, 210).

Uma das mudanças mais expressivas deste processo foi a estruturação em sua malha urbana de outros espaços dotados de grande capacidade comercial e de lazer, “elementos que desde a sua fundação em 1855, encontravam-se presentes apenas no centro comercial e histórico da cidade” (LIMA, 2007, p. 05).

O centro de Aracaju (SE) é resultado da ação governamental que configurou sua feição urbana a partir do desenho de Sebastião Pirro, que em 1855, projetou a cidade tomando como base um quadrado de ruas perpendiculares. Essa configuração inicial se baseava no entendimento da capital enquanto cidade administrativa, sem levar em consideração o caráter residencial. Entretanto, foi nesse quadrado inicial que se localizaram as primeiras residências, especialmente aquelas dos funcionários públicos que foram obrigados a se mudar para este espaço, em função da transferência da capital do estado (São Cristóvão- SE) para Aracaju.

As praças centrais de Aracaju, analisadas neste trabalho, são aquelas localizadas no centro histórico e comercial de Aracaju, tomadas pela história da cidade dentro de um contexto que se confunde com as fases de crescimento urbano e marcadas pela configuração inicial de implantação da capital e pela tentativa mais tarde de ampliar seu quadrado urbano inicial, interiorizando a cidade.

As praças que fazem parte deste estudo são: Praças Fausto Cardoso, antiga Praça do Palácio, projetada dentro do plano inicial da cidade em 1855, e a Praça Olímpio Campos, demarcada em 1862, em função da construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, atual Catedral Metropolitana de Aracaju (SE).

Desde as suas construções, essas duas praças (figura 1) sempre reafirmaram o caráter residencial e administrativo do centro de Aracaju, tendo sido durante muitas décadas espaços de sociabilidade e lazer da população.

Figura 01 – Vistas das Praças Fausto Cardoso e Praça Olímpio Campos no Centro da cidade de Aracaju (SE)



Foto: Prefeitura Municipal de Aracaju (SE), 2016.

Essa funcionalidade foi transformada a partir de 1930, “período marcado pelo crescimento espontâneo da cidade” (LOUREIRO, 1983, p.32), o que fez com que a área central de Aracaju se decompsesse em um lugar de comércio, com a presença e construção de objetos geográficos terciários, com a tomada efetiva de lojas, feiras populares e mercados públicos, consolidando o bairro como o centro comercial da cidade, diminuindo cada vez mais sua função residencial.

As diversas intervenções nessas praças, tanto na estrutura física, como na autorização de atividades de serviços e as ações públicas marcaram e delimitaram as funcionalidades urbanas destes lugares. Suas interligações com a cidade serviram como referências, delimitando a cidade e contrapondo seu crescimento entre a dualidade do centro comercial e ao mesmo tempo residencial.

Esse dualismo apontou esses espaços, durante muitos anos como lugares convergentes da cidade, não apenas pela localização de diversos prédios públicos e proximidade de lojas, escritórios, escolas, mas também por conta de sua configuração enquanto espaços de vivência, encontros, convivência, convergências, enfim, espaços de resistência social e política. Essa dinâmica fez com que estes espaços fossem resultantes de uma sucessão de eventos e ao mesmo tempo expressão da sociedade capitalista em movimento, que subjuga o homem e segrega os espaços, expressando a diferenciação social.

Assim, as praças centrais de Aracaju, bem como seus valores e usos são reformulados, e os lugares que antes eram de convivência e sociabilidade de uma classe mais alta, são (re) configurados, em virtude especialmente de se tornarem espaços de identidade de uma parcela mais pobre e marginalizada da sociedade, segregada pelo próprio sistema.

A consolidação do centro como lugar do comércio, ocorrido a partir de 1950, obrigou uma parcela da população residente neste espaço a se transferir para outras áreas da cidade, pois o convívio com essa função comercial se contrapunha ao modo de vida burguesa urbano, que começa inclusive a ter outros aparatos e conceitos de conforto e lazer.

Assim, especialmente a partir de 1960, a dualidade do centro põe em evidência uma dinâmica contraposta, de um lado o espaço comercial/administrativo, do outro o novo (velho) espaço residencial, mas com outros tipos de moradores, não mais os barões do açúcar, fazendeiros, proprietários de indústrias e altos funcionários públicos. Agora os trabalhadores urbanos assalariados e migrantes que se apropriam do centro como o lugar do trabalho, o lugar da oportunidade e proximidade com o emprego e o ponto de convergência do urbano.

Neste contexto, as Praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos passam também por transformações na sua produção enquanto referência da cidade, perdendo sua identidade como espaços de sociabilidade burguesa, pois o caráter público das mesmas acaba subordinado as suas referências sociais de uma classe trabalhadora que passa a habitar o bairro.

Aliado a isso, a decadência dos elementos físicos reafirma o abandono destes lugares, tanto nos aspectos da manutenção, preservação, revitalização e usos definidos pelo poder público. Estes usos possibilitam a abordagem do espaço público a partir do território, pois os seus diversos graus de dominação e de apropriação engendram um quadro de relações múltiplas de poder (RAFFESTIN, 1993). Os usos dos territórios demandam apropriações específicas no contexto praças públicas, podendo serem classificadas enquanto, apropriações formais e informais (MENDONÇA, 2007). Neste caso, a definição de espaço público esboçada por Gomes (2001, p.96) parece ser bastante pertinente:

Podemos afirmar que o espaço público é, por um lado, um espaço definido por um estatuto jurídico, igualitário e democrático e, por outro lado, aquele no qual praticamos uma certa atitude e um certo comportamento social que o identificam com uma vida pública democrática (GOMES, 2001, p.96).

Neste sentido, concordaremos com ARENDT (2005, p.76) quando diz que: “o domínio do privado instaura-se a partir da individualidade, da família e da propriedade privada, enquanto que o domínio do público abarca as questões relativas à sociabilidade e as práticas comuns”.

Nesta nova configuração, a partir de meados da década de 1960 o centro enquanto espaço privado residencial passa a ser visto como o lugar do pobre, do trabalhador e desprovido de ações prioritárias do poder público que garantam a manutenção mínima de equipamentos de acessibilidade ao lazer e a sociabilidade.

Esse processo de empobrecimento do centro da cidade se revelou de várias maneiras e foi estudado de forma pouco crítica e muito funcional, por pesquisadores, e por muitas vezes reafirmaram a questão sem apresentar o caráter das contradições aqui expostas. Lima, por exemplo, (2007, p.06) afirma que:

O processo de ‘empobrecimento’ sofrido pela área central de Aracaju teve no Mercado uma das facetas mais reveladoras. A presença de atores sociais marginalizados, como prostitutas, meninos ‘trombadinhas’ e ‘cheira-colas’, mendigos, entre outros, somados ao crescimento desenfreado do comércio informal, principalmente ao ocupar ruas e logradouros próximos, transformando-os indistintamente numa feira complexa e superadensada, tiveram influência decisiva no reordenamento socioespacial do Mercado Municipal. (LIMA, 2007, p.06).

Esses atores sociais apresentados pelo autor, não se distanciam dos sujeitos que se apresentam hoje como agentes de ação e construtores de referência no cotidiano das Praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos, configurando a paisagem e imprimindo ao lugar uma característica de controle do espaço.

O controle aparente se faz de forma contundente com ações que se afirmam pela estratégia do estabelecimento do medo como ferramenta de controle e do uso estrutural do espaço. Soma-se a isso a ausência de regulação pública que legitimam de forma contraditória a relação de uma identidade legítima entre os lugares e os sujeitos sociais que hoje se apropriam destes espaços, colocando em contraponto o uso coletivo que as mesmas já tiveram.

Neste percurso, ao analisar o cotidiano das praças estudadas, observando-se a permanência das pessoas e o uso da praça como espaço de descanso e lazer, constatamos que na Praça Olímpio Campos, que já foi altamente frequentada em função do convívio social, do uso religioso, recreação, contemplação e lazer cultural, hoje restringe sua funcionalidade ao uso dos serviços prestados pelas comércio de artesanato (figura 2) e refeições no período da manhã e tarde. As barracas de artesanatos tomam o passeio principal da praça e em parte dificultam o acesso das pessoas à parte central da mesma, tanto pela entrada lateral como na parte frontal em relação a Catedral Metropolitana.

Figura 2 – Vista das barracas de comércio artesanato nos passeios centrais da Praça Olímpio Campos.



Foto: Os autores, 2016.

A destruição dos equipamentos de lazer e a sensação de insegurança, sinalizam a o domínio do público, abarcando as questões relativas à sociabilidade e as práticas comuns. (ARENDR, 2005). A praça encontra-se apropriada territorialmente por pedintes, especialmente nas laterais e frente da Catedral Metropolitana, grupos de hippies que vendem artesanato, usuários de drogas e até comércio de entorpecentes.

Devemos também pontuar a existência de três bares (figura 03), uma galeria de arte, um restaurante experimental e duas bancas de revistas, todos localizados no perímetro desta praça, com frentes voltadas para as ruas que as circundam. Esses elementos promoveram por muito tempo uma relativa função cultural e artística no espaço, entretanto, nos últimos anos o fechamento e interrupção das atividades dos serviços prestados pelos bares e restaurantes, fazem com que suas estruturas físicas sem funcionalidades efetivas constantes, causem um isolamento da paisagem interna da praça, sem movimento e sem atividades de lazer, diminui-se consideravelmente o fluxo e permanência de pessoas nesse local.

Figura 03 – Vista de bares situados dentro da Praça Olímpio Campos –Aracaju (SE)



Foto: Os autores, 2016.

Já a Praça Fausto Cardoso, reformada em 2010, é circundada por um conjunto de prédios públicos de ordem municipal, estadual e federal, o que propicia uma maior circulação de pessoas, que transita entre os mesmos, cruzando o espaço da praça. Até a década de 1980 a praça Fausto Cardoso já foi muito frequentada, nela encontrava-se equipamentos de lazer de grande porte, como cinemas, sorveterias e docerias, que se localizavam nas suas proximidades.

Nesta praça não existem bares, como ocorre na Praça Olímpio Campos. Apenas três bancas de revistas, distribuídas pelo seu perímetro. Com a última reforma, algumas árvores foram cortadas, dando lugar a um passeio central aberto, com palmeiras que conduzem ao monumento construído em homenagem a Fausto Cardoso, vulto histórico de Sergipe, e que empresta seu nome ao espaço.

No seu interior localizam-se dois prédios: o Museu Palácio Olímpio Campos, antigo Palácio do Governo, e a Escola do Legislativo, antiga Assembleia Legislativa do Estado, ambos funcionando e bem conservados. A sua estrutura física e sua localização fizeram com que a mesma se tornasse um espaço de concentração e convergência de atos políticos e sociais. Além disso, seus equipamentos de convivência e descanso também estão bem conservados, afinal foram repostos durante a reforma recente em 2010. Segundo o historiador Barreto (2006, p.28):

Poucos lugares aracajuanos carregam tanta simbologia, tem tanto a ver com a vida da cidade, quanto a Praça Fausto Cardoso, seguida da própria Praça onde está a Catedral: diferentes em suas denominações e em seus usos. Da Praça a cidade ramificava-se para todos os lados, beirando o rio Sergipe, espelho de águas interioranas, com cheiro de

açúcar que os saveiros traziam para os armazéns e trapiches, antes que fossem adoçar os alimentos por várias partes do Brasil e do mundo (BARRETO, 2006, p.28).

Essa simbologia apontada pelo escritor se refere ao conceito de símbolo ligado à construção social da cidade. Entretanto, essa simbologia romântica atribuída a praça é antes de tudo uma construção de uma classe social que dominava a construção da identidade do lugar, identidade essa forjada pelos antigos moradores do centro, antes da decadência como bairro residencial.

É importante também lembrar que apesar da atual configuração urbana da cidade, na qual, segundo Vilar (2000, p.156) “já apresentam outras centralidades funcionais”, o centro histórico de Aracaju continua sendo um espaço de convergência. Mesmo tendo se (re)configurado ao longo do tempo quando começou a se estabelecer uma descentralização de lojas e empresas em direção a outros bairros, ele continua sendo o espaço capitalista de maior dinâmica econômica, embora o segmento social atendido sirva hoje a uma classe social com menor poder aquisitivo.

A mudança de perfil do consumidor do centro de Aracaju, foi transformado também pelo surgimento do primeiro Shopping Center (Centro comercial que reúne lojas e serviços variados em um único prédio), que se estabeleceu na cidade a partir da década de 1980.

As praças centrais passaram a ser muito mais um lugar de passagem, em contraponto ao lugar da sociabilidade, inclusive porque muitos dos atrativos sociais que giravam em torno desses eixos públicos foram transferidos do centro para outros bairros da cidade.

Neste contexto, é também interessante pensar no aspecto da formulação da praça, enquanto espaço público, vinculado ao ócio social, ou ainda ao caráter contraditório que o capital dá a esses espaços da cidade. No caso das praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos, elas se configuram como no exemplo do estudo do geógrafo Santos (2005, p.67), quando analisa o centro da cidade.

O Centro da cidade de Aracaju apresenta-se como um espaço contraditório. Essa contradição denota de um choque entre dois usos impostos pelo capital aos lugares do Centro. Com o ritmo da noite, que elimina cada vez mais o poder de fluxo, a imposição do subemprego e do desemprego cria as condições necessárias para que as prostitutas, os garotos de programa e os travestis imprimam seu ritmo. A prostituição que com a noite invade o centro de Aracaju tece nesta área, uma teia de relacionamentos de poder, que acaba resultando na formação de territórios, construídos e delimitados por esses sujeitos. (SANTOS, 2005, p.67)

As praças centrais não fogem a essa dinâmica e também se reproduzem como lugares tomados pelos sujeitos sociais envolvidos no processo de prostituição que ocorre no centro de Aracaju. Atualmente não só no período da noite como descrito pelo pesquisador, mas também durante o dia, o que de forma sucinta cria uma nova identidade do lugar, que se contrapõe entre o uso funcional diurno, espaço de comércio/administração, e essa nova funcionalidade ligada à prostituição.

Isto pode ajudar a entender o resultado exposto das entrevistas aplicadas neste estudo com os moradores e frequentadores do centro. Estes, quando perguntados qual das duas praças centrais de Aracaju costumava frequentar como forma de convívio e lazer, apenas 12% afirmaram frequentar as praças, sendo que desse total de frequentadores 75% apontam frequentar a Praça Olímpio Campos, em virtude, principalmente, das missas que ocorrem na Catedral Metropolitana.

Ainda quando inqueridos sobre a não frequência na Praça Fausto Cardoso, que como já foi descrito encontra-se bem conservada (figura 4), 56% dos entrevistados apontam que não o faz por não gostar do tipo de pessoas que a frequenta. Quando perguntados sobre a identificação do tipo de pessoa que frequenta o lugar, surge a tipificação de: malandros, moleques, garotas de programa e ladrões.

Figura 4 – Vista da Praça Fausto Cardoso: Reformada, conservada e pouco frequentada.

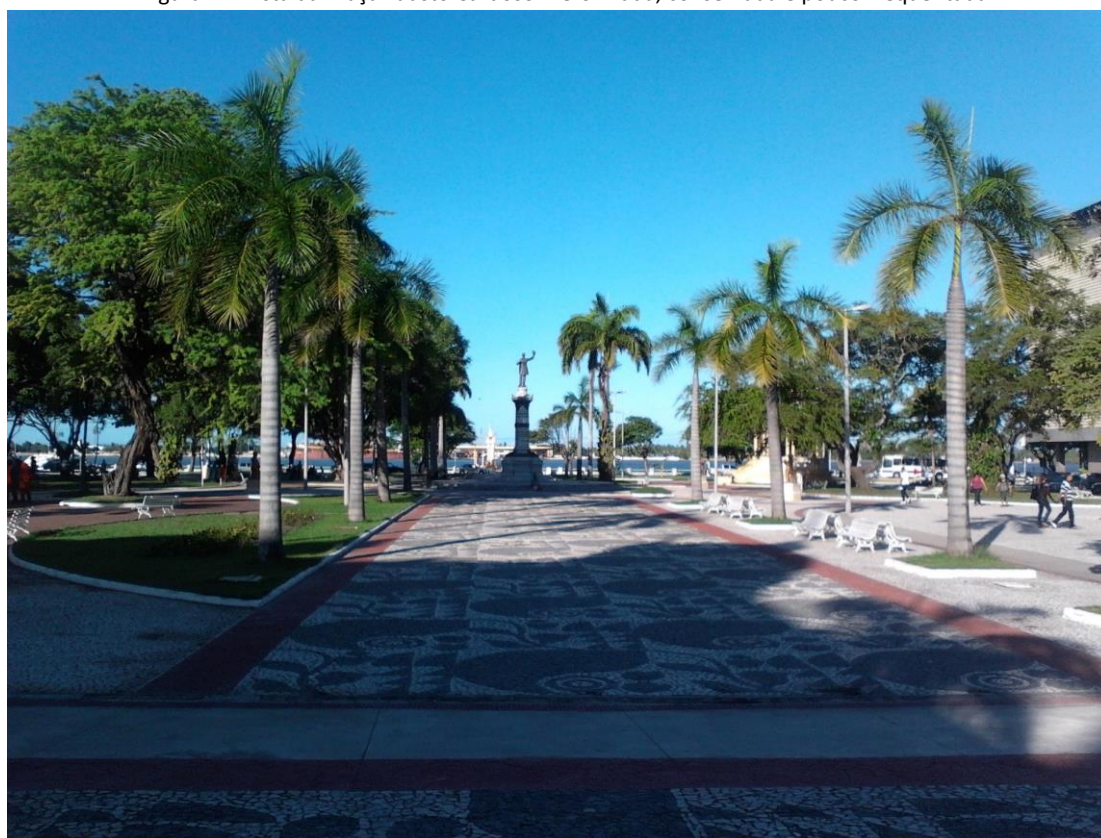


Foto: Os autores, 2015.

Essa mistura de pessoas qualificadas pelos entrevistados é uma profusão que se desfaz com um olhar mais atento, pois o que ocorre nas praças é um processo cíclico de territorialidades que se fazem e se desfazem ao longo do dia. Jacobs (2001, p. 105) descreve como uma sucessão complexa de usos e usuários. Colabora para este entendimento a ideia de Souza (1995, p. 82) quando afirma que “os territórios são construídos nas mais diversas escalas temporais, e que podem ter um caráter permanente ou ter uma existência periódica ou cíclica”.

Apesar da produção social que determina uma (re)configuração deste espaço perdendo o significado de lugar da sociabilidade para os moradores da cidade, a Praça Fausto Cardoso, continua a se expressar enquanto espaço de convergência, uma vez que ainda é fortemente determinada como lugar de concentração e manifestações políticas sociais.(figura 5)

Figura 5 – Concentração política na Praça Fausto Cardoso, durante as manifestações de junho de 2013 – Aracaju (SE)



Foto: Os autores, 2013.

Já a Praça Olímpio Campos, essa sem dúvida é a mais recortada por essas territorialidades cíclicas, pois há uma diversidade de grupos sociais que a ocupam ao longo do dia. Isto é expresso pela presença constante de vários sujeitos que se concentram neste espaço, como estudantes, hippies, pedintes, roqueiros e até usuários de drogas.

Essa realidade estruturante faz com que tanto no ponto de vista dos moradores entrevistados como na observação feita com as pessoas que frequentam ou fazem uso dos equipamentos e serviços do centro, ter-se constatado um comportamento que aqui estamos adjetivando de tangenciamento das praças estudadas.

O conceito de tangenciamento espacial foi trabalhado por Costa e Sá (2007, p.112) ao analisar a dinâmica das praças públicas em Campina Grande (PB), evidenciando que os espaços urbanos públicos e privados que, outrora, erguiam-se cheios de vitalidade, ou seja, de fixos e fluxos de pessoas, “hoje se transformaram em locais marginalizados, de não-permanência, evitados, dada a presença de indesejados, pela grande maioria da população”.

Ainda segundo Costa e Sá (2007):

Uma quase institucionalização da violência e do medo fez com que ruas, praças e parques de nossa cidade se transformassem em espaços cuja utilização segura é limitada a certos horários do dia, pois a maior parte do tempo, alguns desses espaços são tangenciáveis, cuja permanência é comprometedor e ou de risco para possíveis frequentadores. Como os lugares respondem distintamente a certos fenômenos, percebemos que a resposta de algumas camadas da população campinense foi o enclausuramento, o que resulta em

espaços públicos mais inseguros, porque vazios, ou ocupados por delinquentes (COSTA e SÁ, 2007, p.112).

Alicerçado nesta análise conceitual, percebe-se neste estudo que as pessoas ao se deslocarem dentro do centro de Aracaju evitam até mesmo atravessar ou permanecer no centro destas praças, preferindo muitas vezes contornarem suas imediações, ainda que cruzá-la seja o caminho mais rápido ou curto para alcançar um outro ponto localizado nas suas redondezas.

Esse comportamento foi observado ao longo de vários dias e, as entrevistas realizadas com cinquenta pessoas encontradas nas redondezas destas praças apontam que 80% dos entrevistados indicam as presenças dos sujeitos já identificados anteriormente como o principal motivo para evitarem passar ou parar nas praças. Em geral, essa forma de tangenciamento foi apontada pelos entrevistados como precaução a assaltos e até mesmo assédios de pedintes, vendedores e outras formas de relações existentes nestes lugares.

À noite essa realidade é ainda mais concreta. As praças aqui estudadas estão inseridas nos chamados “territórios da prostituição” estudados por SANTOS (2005, p.70) e seu controle é ainda mais estruturante, sendo que os poucos frequentadores durante este período do dia restringem a sujeitos que usam dos serviços das prostitutas e prostitutos, tendo sido observado também uma forte presença de usuários de drogas e, conseqüentemente, uma dinâmica de vendas de entorpecentes em seus arredores.

No período da noite o tangenciamento é ainda mais forte, as praças tornam-se lugares evitados não só pelos moradores do centro, mas pela grande parte da população da cidade, que ao contrário de outros tempos na história urbana da cidade se configurou como ponto de encontro, sociabilidade, diversão e ócio, agora se apresentam como lugares tangenciados.

Devemos pontuar que no caso da Praça Olímpio Campos essa configuração noturna é menos expressiva, por dois motivos: o primeiro é a presença da Catedral Metropolitana, que ainda realiza missas no período inicial da noite (19:00 horas) e o segundo motivo é a presença de um ponto de encontro gay na sua lateral esquerda, a Boate Green Space, que funciona sextas-feiras e sábados, concentrando um certo número de pessoas neste lado da praça durante toda a noite nesses dois dias. Essa realidade pontual não elimina seu caráter de espaço evitado, pois seu entorno e interior são quase desertos, mesmo durante esses dias de frequência pontual e seu tangenciamento continua expresso.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de (re)configuração espacial das praças centrais de Aracaju é consequência de modificações profundas sofridas ao longo do tempo pela sociedade e pela cidade como espaço de direito. A separação estruturada das classes sociais que se reflete na própria ordem de ocupação e divisão do espaço urbano, pode responder as questões apontadas neste estudo, afinal os equipamentos de lazer, festas, convívio social, ócio e diversão, hoje são oferecidos em forma de mercadoria.

Dentro dos espaços residenciais, os lugares da sociabilidade coletiva são oferecidos no pacote geral como privilégio de uma determinada classe social, aquela que pode pagar pelas áreas verdes, praças, parques, equipamentos de lazer, como os que existem nos condomínios fechados. Esta realidade é resultado do medo da violência que se espalhou pela sociedade,

oriundo de uma profunda crise que tem como gênese a perversa situação de concentração de renda, que não oportuniza acesso a bens, serviços e renda para a maioria da população. Sendo assim, esses elementos acabam por provocarem um isolamento social, com pessoas atrás das grades e com os muros e cercas elétricas funcionando como limites e fronteiras sociais. Spósito (2013, p.140) analisa essa questão afirmando que:

A implantação desses empreendimentos é um dos vetores da redefinição completa do par centro-periferia, pois os sistemas que controlam a acessibilidade e a circulação, seja no concernente aos espaços privados, seja no que diz respeito aos espaços públicos, recompõem o tecido espacial para tender e sustentar a recomposição do tecido social. (SPOSITO, 2013, p.140)

As praças centrais de Aracaju, neste contexto de produção espacial urbana acabam perdendo seu caráter social de convivência, visto que são lugares de convergência da cidade como um todo, devido especialmente a sua centralidade urbana, passando a ser um espaço livre para justamente ser ocupada por grupos marginalizados por essa mesma sociedade.

Neste sentido, é importante entender a ideia de Carlos (2011, p.137) quando analisa que:

Na cidade contemporânea, a contradição espaço público/espaço privado revela a extensão da privação, através da forma jurídica da propriedade privada da riqueza, e traduz-se pela hierarquia social que define o acesso aos lugares da cidade, pontuando a diferenciação entre indivíduos numa classe. Ao mesmo tempo, revela a explosão do centro da cidade como lugar simbólico constitutivo de identidades (CARLOS, 2011, p.137).

As praças centrais estudadas se tornam espaços de resistências, de relações territoriais fixas e cíclicas que nada mais são que relações de poder. O tangenciamento destes lugares se expressa por essa territorialidade que (re)configura-se como espaços de identidade para determinados grupos, mas provoca ao mesmo tempo o distanciamento de outras parcelas da sociedade que as veem como lugares que devem ser evitados. Nas praças são produzidas de forma clara as contradições e mazelas do próprio sistema que estrutura a sociedade impondo a estes lugares a co-presença como negação do outro. As praças são evitadas para evitarem as pessoas “desiguais”, aquelas consideradas “fora do padrão da sociedade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária.2005.

BARRETO, Luiz Antônio. **Aracaju: Cidade das águas**. São Paulo: Cortez. 2006.

CARLOS, Ana Fani. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec.2011.

_____, Ana Fani. A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto. 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e diversidade**. São Paulo: Contexto.1998.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas .1995.

COSTA, Antônio A. da; SÁ, Alcindo José de. Metamorfose dos espaços públicos: O medo que transforma as praças em percursos tangenciáveis. In: SÁ, Alcindo José de. (orgs). **Por uma Geografia sem cárceres públicos ou privados**. Recife: Os Autores.2007.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro. 2001.

LIMA, Elaine F. **Sociabilidades Públicas no Centro Histórico de Aracaju: o caso do Hotel Palace**. Monografia de Conclusão de Curso – Ciências Sociais Bacharelado. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007.

LIMA, Jeyson Ferreira Silva de. Espaço público: uma discussão sobre as pracialidades e as Microterritorializações nas praças públicas caicoenses. In: **XIX SEMANA DE HUMANIDADES**. Natal. Anais, 2011.

LOUREIRO, Kátia Afonso. **A Trajetória Urbana de Aracaju (SE): Em tempo de interferir**. INEP.UFPE, 1983.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Revista Estudos e Pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Pequena reflexão sobre categorias da teoria do espaço: Território usado, território praticado. In: SOUZA, Maria Adélia de. **Território Brasileiro: Usos e abusos**. Campinas-SP: Edição territorial. 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec.1994.

_____, Milton. **A Urbanização brasileira**. São Paulo. Hucitec. 1994.

_____, Milton. **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004.

SANTOS, Mário Jorge Silva. Territórios da prostituição no centro de Aracaju (SE). **Caderno dos Estudantes**. Ediufs. São Cristóvão (SE). 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, Iná Elias et al. **Geografia: conceitos e temas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Editora Contexto. 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo:Difel.1983.

_____, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel.1980.

VILAR, J. W. C., **La expansión del área de consumo: la vieja y la nueva centralidade intraurbana de Aracaju (Brasil)**. Tese de Doutorado. Universidade de Granada. Granada. 2000.